



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

TATIELE MENDES VAZ

O SOL DE CADA DIA

Goiânia

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de
Conclusão do Curso de
Graduação em Jornalismo à
Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Escola de Comunicação, sob
orientação da Professora Doutora
Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Goiânia

2020

TATIELE MENDES VAZ

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de
Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo à Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de
Comunicação, sob orientação da
Professora Doutora Eliani de
Fátima Covem Queiroz.

Data da defesa: 30 de
novembro de 2020.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani Covem

Prof. Dr. Rogério Borges

Jornalista Karla Rady

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me guiou até aqui. Aos meus pais, ao meu irmão e meu cunhado que sempre me apoiaram, nunca mediram esforços, sempre com o carinho e confiança para que mais esta etapa pudesse ser concluída.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, ao meu irmão e meu cunhado, que sempre me incentivaram a não desistir, diante das dificuldades que encontrei, sempre me deram apoio.

Aos meus professores que, ao longo desses quatro anos, compartilharam seus conhecimentos. Em especial a minha orientadora, professora Dr^a. Eliani Covem, que não mediu esforços, me orientou sempre com muita paciência e esforço, sempre esteve disponível a todo momento. Me passou segurança desde o início para a elaboração do meu TCC.

Agradeço a todos que fizeram parte desta etapa decisiva da minha vida. Principalmente aos participantes do filme, que puderam contar um pouco de suas histórias, compartilhando informações e conhecimentos. Fazendo com que eu pudesse produzir um documentário incrível.

O progresso é a lei da história da humanidade, e o homem está em constante processo de evolução.

Auguste Comte

RESUMO:

O documentário *O sol de cada dia* é uma narrativa audiovisual sobre a realidade dos catadores de materiais recicláveis, o modo que eles vivem. O filme traz depoimentos sobre as dificuldades que eles enfrentam todos os dias em busca de uma renda melhor, para conseguir o sustento do dia-a-dia. Eles contam o preconceito que sofrem cotidianamente. O filme também mostra como a profissão deles deveria ser mais valorizada. Depoimentos importantes de uma Economista e de um Sociólogo teoriza sobre a necessidade de valorizar o trabalho deles, o motivo de viverem em péssimas condições sociais, como isso poderia melhorar e como a sociedade pode contribuir para que a renda destes catadores seja mais justa.

PALAVRAS-CHAVES: Documentário, Catadores, Materiais Recicláveis, Dificuldades, Trabalho.

ABSTRACT:

The documentary *O sol de dia dia* is an audiovisual narrative about the reality of recyclable material collectors, the way they live. The film contains testimonies about the difficulties they face every day in search of a better income, to earn their daily living. They tell of the prejudice they suffer daily. The film also shows how their profession should be valued more. Important statements by an Economist and a Sociologist theorize about the need to value their work, why they live in terrible social conditions, how it could improve and how society can contribute to the income of these waste pickers.

KEY WORDS: Documentary, Waste Pickers, Recyclable Materials, Difficulties, Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1. Documentário.....	12
1.1 Documentário- conceitos e teorias.....	13
1.2 Técnicas de produção do documentário.....	14

1.3 História do documentário no Brasil.....	.19
2. O catador de material reciclável.....	19
2.1 O catador de material reciclável- aspecto humanísticos	19
2.2 Aspecto econômico da atividade de catador	21
2.3 O catador e a preservação do Meio Ambiente.....	23
CAPÍTULO II.....	25
MEMORIAL.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICES.....	29
APÊNDICE I ROTEIRO.....	29
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	41

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como produto o filme documentário *O sol de cada dia*. O filme traz narrativas sobre o cotidiano dos catadores de materiais recicláveis. São diversos relatos sobre a vida deles, como o trabalho deles é difícil, com uma renda baixa e muito desvalorizado na sociedade capitalista. O foco principal do filme é trazer essa realidade, mostrando as dificuldades e, de certa forma, dar visibilidade para que mais pessoas possam conhecer um pouco desta realidade.

O trabalho do catador é algo imprevisível. Eles acordam todos os dias, percorrem quilômetros nas ruas de Goiânia, em Goiás, em busca de materiais recicláveis. Não existe a certeza se o dia será produtivo, ou até mesmo o que eles irão enfrentar ao longo do dia. Seja com chuva ou sol, eles estão todos os dias nas ruas, em busca de uma renda, do sustento da família.

Para a produção do filme documentário *O sol de cada dia*, foi feita uma ampla pesquisa sobre o tema e uma busca de catadores, que pudessem contar a história de vida deles por trás do trabalho que desempenham. O filme traz relatos de preconceitos vivenciados pelos catadores, como a sociedade os veem. Mesmo diante de toda a dificuldade mostrada no documentário, é possível constatar que eles são pessoas felizes, ao modo de cada um.

O documentário é um gênero do cinema com o objetivo de apresentar a realidade por meio das filmagens *in loco*. O cineasta John Grierson (DA-RIN,2004) definiu o documentário como o tratamento criativo da realidade. O documentário e o documentarista desenvolvem um tratamento criativo da realidade mesmo que tenha a reconstrução de determinado acontecimento.

Produzir documentários é encontrar maneiras novas e individuais de contar histórias. Discutir a presença do real (VIEIRA, 2006). Para Lucena (2012), o documentário registra o que acontece no mundo real, ele considera uma produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real ou até mesmo histórico. Já Nichols (2008), afirma que os documentários tinham como objetivo emocionar, impressionar e convencer. Afinal o documentário fala de forma direta, chama atenção, tratando quase sempre do mundo real.

Para produzir o documentário foi pesquisado de forma ampla sobre o que é documentário, sobre o produto e sobre o tema do filme. Que abrange a quantidade de

catadores que existe e, por diversas vezes, passam despercebidos nas ruas das grandes cidades.

Os catadores de materiais recicláveis desempenham um papel importante na sociedade e isso é invisível aos olhos da sociedade. Eles percorrem as ruas, de sol a sol, em busca de materiais que possam ser aproveitados e vendidos. Grande parte da sociedade vê como lixo, mas, para esses catadores se torna um produto com valor, que pode ser vendido e ajudar o catador a ter uma renda.

Vale ressaltar que esse trabalho do catador contribui para a preservação do meio ambiente. Se não existissem os catadores, esses materiais prejudicariam ainda mais o meio ambiente. A sociedade precisa valorizar essa contribuição, para que esses catadores não sofram discriminação social.

O documentário fala de forma direta, chama a atenção, trata quase sempre do mundo real. O ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo e espaço específico. Os documentários falam conosco diretamente, o foco é no que está sendo dito, tanto verbal como visualmente (NICHOLS 2008).

Portanto, produzir documentário é encontrar maneiras novas e individuais de contar histórias. Discutir a presença do real, nestes filmes, implica refletir sobre a relação existente entre o diretor, a obra, o objeto a ser documentado e a relação desta com o espectador (VIEIRA, 2006).

Sobre a metodologia usada para fazer o filme, a maior dificuldade enfrentada na produção do filme *O sol de cada dia* foi a de conseguir os catadores como personagens. Alguns não aceitaram dar entrevista porque o local era ponto de drogas, ou porque o chefe desses catadores, era traficante. Em alguns lugares foi permitido fazer imagens somente dos materiais recicláveis. Alguns não falaram tudo, por medo, e foi preciso procurar por mais fontes.

As gravações foram feitas com uma câmera Canon EOS 60D feitas pelo fotógrafo Pedro Melo. Após realizadas as gravações, foi feita a decupagem de todo o material. Foram escolhidas as imagens que retratavam a temática do filme. O roteiro foi elaborado de forma a trazer os depoimentos com a história de vida deles, trazendo também o ponto de vista dos especialistas, a economista fulana e o sociólogo Sílvio Costa.

O filme precisou ser editado duas vezes. Na primeira montagem, o programa utilizado foi o Vegas pro. O filme estava quase pronto quando o programa deu erro. Foi

realizada uma nova edição com as correções. No final, para fazer a renderização, o arquivo estava com erro e não finalizava.

Foi preciso procurar outro editor para fazer a montagem, agora no programa de edição Adobe Premiere. Me desloquei de Goiânia até a cidade de Rio Verde e durante um dia todo a montagem foi feita, desde o início novamente.

O período em que as gravações foram realizadas, estava bastante quente, foi na época em que Goiânia registrou as maiores temperaturas, de setembro a outubro de 2020. E como o foco do filme era mostrar a realidade dos catadores, mesmo debaixo de sol quente as gravações foram realizadas, vivenciando a rotina que eles enfrentam diariamente. Como as gravações foram feitas nas ruas, foi usado um microfone de lapela, para que a captação de som pudesse ficar sem ruídos.

Todo o processo de produção do filme *O sol de cada dia* trouxe mais conhecimento, foi possível colocar em prática muito do que foi vivenciado na universidade. A partir desta experiência, tem-se um novo olhar para os catadores de material reciclável, pois o trabalho realizado por eles vai muito mais além do que se vê nas ruas da cidade.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Documentário

Documentar com uma câmera é o primeiro ato cinematográfico presente nos registros iniciais do documentário. Nasceu por meio da aplicação dos princípios da câmera fotográfica em movimento, segundo Lumière (LUCENA, 2012). As primeiras vistas animadas que foram projetadas em 1885 pelos irmãos Lumière no Café Paris, eram cenas do cotidiano, cenas que os pioneiros gravaram com uma revolucionária câmera que registrava em 24 quadros por segundo o que acontecia a sua frente.

Dessa forma, “produzir documentários é encontrar maneiras novas e individuais de contar histórias. Discutir a presença do real, nestes filmes, implica refletir sobre a relação existente entre o diretor, a obra, o objeto a ser documentado e a relação desta com o espectador” (VIEIRA, 2006, p. 8).

De acordo com Lucena (2012), o filme documental registra o que acontece no mundo real. Ele é considerado uma produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real ou até mesmo histórico. O documentário procura informar o espectador sem se preocupar com o entretenimento, consegue destacar a mensagem aberta.

Nichols (2008), afirma que os documentários tinham como objetivo emocionar, impressionar, convencer. Ao contrário dos filmes de ficção, tem-se a sensação de que os documentários falam conosco diretamente sendo que o foco está no que é dito, tanto verbal como visualmente. O documentário fala de forma direta, chama a atenção, trata quase sempre do mundo real, obriga o espectador a tomar posições. O ritmo é ditado pela fala, a câmera se localiza em um tempo e espaço específico.

1.1 Documentário – conceitos e teorias

O documentário é um gênero do cinema com o objetivo de apresentar a realidade por meio das filmagens *in loco*. O gênero utiliza arquivos históricos, imagens, entrevistas

com as pessoas envolvidas no contexto abordado e diversos outros recursos que são utilizados na construção do filme, ao longo do processo da sua produção, até que seja finalizado com a montagem. É construído processualmente de forma criativa.

O documentário é o tratamento criativo da realidade, como definiu o cineasta John Grierson (DA-RIN, 2004) ou atualidade para outros. Cabe ao documentário e ao documentarista desenvolver esse tratamento criativo da realidade mesmo que tenha a reconstrução de determinado acontecimento. Nichols (1997, p. 151) considera que “o documentário é um discurso construído, uma “ficção”, ele é “uma ficção (em nada) semelhante a qualquer outra”.

Para DA-RIN (2004, p. 17), o documentário pode ser interpretado de várias formas, para alguns é o filme que aborda a realidade, outros consideram que é o que lida com a verdade ou filmado em locações autênticas. Ou que não é encenado, ou não tem roteiro. Até mesmo que não usa atores profissionais. O nome documentário recobre uma enorme diversidade de filmes, representantes dos mais diversos métodos, estilos e técnicas. “O que faz um filme documentário é o modo como nós o vemos, e a história do documentário tem sido a sucessão de estratégias por meio das quais os cineastas têm tentado fazer os espectadores verem os filmes deste modo”.

Para Nichols (2008), todo filme é um documentário, Mesmo que seja uma extravagante ficção, evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte. Existem dois tipos de filme, o documentário de satisfação de desejos e documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias ou narrativas, são de espécies diferentes. O primeiro é considerado ficção e o segundo, não ficção.

O documentário engaja-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras. Em primeiro lugar, os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que tem o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmo, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade (NICHOLS, 2008, p. 28).

O autor considera que o poder extraordinário da imagem fotográfica não pode ser subestimado, embora esteja sujeito a restrições, porque uma imagem não consegue dizer tudo o que queremos saber sobre o que aconteceu e as imagens podem ser alteradas tanto

durante como após o fato. Nos documentários, encontram-se histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira.

Nichols (2008) classificou seis modos com características próprias na forma de fazer o documentário: observativo, expositivo, reflexivo, performático, participativo e poético. O filme *O sol de cada dia* foi realizado seguindo os modos observativo e reflexivo. No modo observativo, o diretor busca mostrar a realidade tal como ela é. Nesse sentido, evita qualquer tipo de interferência que provoque um falseamento da realidade. Apenas há um registro dos fatos sem que o diretor e sua equipe sejam notados. Dessa forma, há pouca movimentação de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração, uma vez que as cenas devem falar por si mesmas, complementadas pelos depoimentos dos personagens.

No modo reflexivo, segundo o autor, o documentário pede para vê-lo como ele é, um construto ou uma representação da realidade. Provoca a reação do expectador diante da tela, interpretando o filme, “em favor de um acesso imaginário aos acontecimentos mostrados na tela” (NICHOLS, 2008, p. 163). O documentário reflexivo “estimula no expectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa” (NICHOLS, 2008, P. 163).

Portanto, os documentários “conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens reais e artefatos” (Bernard, 2008, p. 2). Para a autora, a factualidade por si só não define os filmes documentários. A história é o dispositivo que faz com que essa organização seja possível. Uma história pode começar de uma ideia, de uma hipótese ou de séries de questões. O foco se intensifica no decorrer do processo, e chega ao ponto de o filme ter um início intrigante, um meio inesperado e um final convincente.

1.2. Técnicas de produção do documentário

A produção do documentário é constituída por etapas, todas importantes para uma boa finalização do filme. Antes das filmagens é essencial definir o tema a ser abordado, estabelecer o público alvo, agendar gravações, elaborar um pré-roteiro e pesquisar sobre o tema escolhido. Durante as filmagens é preciso agendar e gravar as entrevistas com as pessoas escolhidas, os depoimentos, verificar se tudo está de acordo com o planejamento e com o objetivo que o documentário quer atingir, sua finalidade. Após as filmagens,

verificar a edição das gravações, colocar as imagens que foram citadas no roteiro. A edição das imagens e das entrevistas precisa ser estabelecida na sequência do roteiro. Puccini (2007) afirma que os equipamentos mais leves e fáceis de manusear possibilitaram filmagens mais espontâneas.

A ruptura mais significativa com um modelo de produção apoiado em roteiro ocorre no fim da década de 50 com o documentário direto americano, capitaneado pelo produtor Robert Drew, e o documentário verdade que tem na figura do francês Jean Rouch seu melhor representante. Nesse momento, as peculiaridades técnicas da câmera 16mm e, principalmente, do magnetofone, gravador que propicia o registro do som em fita magnética feito em sincronia com a imagem, instauram uma busca pelo registro de um real em estado bruto possível graças a um processo de filmagem espontâneo sem todas as formalidades e parafernâlias exigidas por uma produção cinematográfica de grande porte (PUCCINI, 2007, p.19).

Segundo o autor, o texto da proposta de filmagem é o resultado de uma primeira etapa de pesquisa, com a função de garantir as condições para o aprofundamento da pesquisa, para que possa ser iniciada a etapa da filmagem. É um documento que serve apenas aos propósitos da pré-produção e não como guia para orientar a filmagem. Vale lembrar que essa proposta da filmagem, serve como instrumento para organizar a produção do documentário.

Após a aprovação da proposta de filmagem, ela deve ser guiada pela seleção estabelecida na primeira etapa da pesquisa e serve para definir as principais hipóteses para o documentário. A pesquisa pode ser feita a partir de material impresso, arquivos, fotos e som, seguido por entrevistas junto às fontes e, por último, a pesquisa de campo nas locações de filmagem (PUCCINI, 2007).

Uma parte da produção de filmes documentários não se organiza em torno de um roteiro escrito cena a cena com os diálogos, como explica o autor. A etapa de pré-produção para documentários ocorre em função do assunto ou da forma escolhida para abordagem do assunto. Quando se trata de documentários de arquivos, históricos ou biográficos, que são eventos que ocorreram no passado, eles podem ser escritos antes de iniciar as filmagens.

Segundo PUCCINI (2007), a produção de um filme documentário é guiada por leis internas próprias, que variam de filme para filme ou mesmo de produtor para produtor. As gravações são feitas a partir do trabalho da produção, que marca local e horário das entrevistas, além de confirmar as gravações com os personagens do filme.

De acordo com PUCCINI (2007), a decupagem técnica de um roteiro feita pelo editor, se inicia pela análise de cada uma das cenas. O diretor faz um levantamento

daquilo que vem a ser mais importante na cena, baseado nisso, o diretor decide qual será a melhor maneira de mostrar a cena cinematograficamente, de transpor para a tela aquilo que é essencial da cena.

Dessa forma, a partir do material gravado é feita a decupagem das entrevistas e imagens, para depois ser feito o roteiro, segundo o autor. O roteiro será resultado de um trabalho de transcrição do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar o diretor, os personagens ou o produtor e sim o montador ou editor do filme. Puccini (2007) considera que o processo de roteirização do documentário é diferente no filme de ficção. No documentário essa escrita se manifesta muitas vezes de maneira diferente, é mais aberta, que estende por todo um processo de realização do filme.

No planejamento da montagem, primeiro tem a seleção do material mais restrito, limita as combinações das imagens que já foram captadas para o filme. Após isso há o momento para articular a sequência do filme, com as entrevistas, depoimentos, tomadas em locação, imagens de arquivo entre outras imagens. Isso é colocado em consonância com o som e trará sentido para o filme (PUCCINI, 2007).

A montagem trabalha com elementos que o roteiro normalmente não prevê, como por exemplo a precisão do corte, as transições entre os planos, efeitos gráficos e de imagens, mixagem de imagens e sons, entre outros, explica o autor. Os dois são funções distintas, mas vinculadas na própria essência. Afinal, a escrita de um roteiro nasce de um desejo de montagem.

1.3 História do documentário no Brasil

O cinema chegou ao Brasil no ano de 1896. As primeiras exposições foram no Rio de Janeiro e depois em São Paulo e assim seguindo para outras cidades maiores do país.

A primeira sala fixa de exibição encontrava-se no Rio de Janeiro e tinha como principal dono um imigrante italiano chamado Pascoal Segreto. A exibição de imagens em movimento fazia muito sucesso e em busca de renovar o repertório e qualificar tecnicamente as salas exibidoras realizavam viagens constantes para Paris ou Nova York (GONÇALVES. 2006, P 80).

Segundo Gonçalves (2006), Afonso Segreto, irmão de Pascoal, que foi o primeiro cinegrafista brasileiro, realizou a primeira imagem do cinema brasileiro, filmando a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro. Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomada de vista” que prevaleceram até o ano de 1908. Essas pequenas produções eram realizadas por todo país com temáticas regionalistas que mostravam as belezas, costumes

e tradições de diferentes regiões. Durante as décadas de 10 e 20, predominou a produção de um cinema natural, devido à falta de infraestruturas nas cidades brasileiras. A produção de documentários e cinejornais tinham o intuito de levantar recursos para a produção de filmes ficcionais.

Logo, as câmeras cinematográficas foram incorporadas ao material de trabalho de antropólogos que viajavam pelo país para registrar e documentar populações indígenas. Assim, os filmes etnográficos levavam ao Brasil urbano imagens de um país imenso e desconhecido, divulgando as ações oficiais de integração nacional e a imagem idealizada de um índio ainda selvagem (GONÇALVES, 2006, p. 81).

O filme “Rituais e Festas Bororo”, de 1917 é considerado pela crítica cinematográfica como uma das primeiras experiências de sucesso na montagem cinematográfica do cinema brasileiro, e também é um dos principais filmes antropológicos do mundo. O cinema de propaganda também se mostrou eficaz em mostrar as belezas naturais do Brasil, que era voltado para um público estrangeiro interessado em imagens exóticas.

Nos primeiros anos da década de 1960, no Brasil, havia uma parte da produção cinematográfica, voltada para um projeto ideológico, que foi realizado pela burguesia urbana. Era o início do Cinema Novo, influenciado por movimentos cinematográficos internacionais como o Neo-Realismo italiano¹ e a Nouvelle Vague francesa², as teorias russas de montagem de Eisenstein e o Cine Olho de Dziga Vertov. Uma nova geração de cineastas brasileiros estava surgindo (VIEIRA, 2006).

Nestes anos, anteriores ao golpe militar de 64, os temas abordados tanto em filmes de ficção como em documentários não se tratavam dos problemas da cidade, mas os do campo. Filmes como “Viramundo” (1965), de Geraldo Sarno e “Maioria Absoluta” (1964/66), de Leon Hirzman trazem como tema, respectivamente, os migrantes nordestinos e a classe média urbana, que desconhece os problemas agrários do país. Nestes filmes, os cineastas trabalhavam com a dobradinha consciência/alienação (VIEIRA, 2006, p. 2).

Nos primeiros documentários na década de 1960 existia um raciocínio lógico, com o encadeamento de sequências, mistura a análise do fenômeno com a evolução da ação.

¹ Neo-Realismo italiano é um movimento cinematográfico que despontou nos anos 1940, caracterizado por histórias sobre a classe trabalhadora, filmadas com pouquíssimos recursos. A maioria tratava de temas como as dificuldades econômicas e sociais na Itália pós-Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Os filmes buscavam representar a mudança de mentalidade dos italianos e suas condições de vida, retratando o desespero, a opressão e a desigualdade que eles enfrentavam (AICINEMA, 2018).

² Nouvelle vague francesa foi uma nova estética de cinema criada na França, em 1958, como reação contrária às superproduções hollywoodianas da época, encomendadas pelos grandes estúdios. A contraproposta eram filmes mais pessoais e baratos – o chamado “cinema de autor” (SANT’ANA, 2018).

Segundo Vieira, (2006), a linguagem e o discurso são adaptados para atestarem um argumento que signifique o real, colocando a expressão real do vivido.

Para Gonçalves (2006), a TV se firmava como importante veículo de massa no Brasil. Surgiram experiências significativas na busca por formatos de documentários televisivos ou jornalismo investigativo. Em 1972, por iniciativa dos jornalistas Vladimir Herzog e Fernando Pacheco Jordão, foi criado o telejornal A Hora da Notícia, na TV Cultura de São Paulo, com o intuito de mostrar o Brasil real, contraposto à imagem oficial criada pelo governo militar e seus filmes institucionais.

No início dos anos 1970, foi marcado pela expansão da indústria cultural e do consumo de bens simbólicos no país. Realizadores e críticos redefiniram os marcos estéticos e políticos do cinema brasileiro. Foi rearticulado esquemas de produção e projetos culturais. O documentário nos anos 1980 “se afasta do discurso panfletário e passa a ser mais analítico e delimitado. A realização desses filmes volta seu olhar para relatar o renascimento dos movimentos populares, refletindo a abertura política que o país estava passando” (VIEIRA, 2006, p. 4).

De acordo com a autora, a década de 1990 foi marcada pelo fim da dualidade mundial entre capitalismo e socialismo. A produção de documentários sobreviveu graças as evoluções técnicas da gravação em vídeo e a exibição em alguns canais educativos. Com a rápida evolução da eletrônica e informática, o vídeo digital ganhou um mercado cada vez maior na produção cinematográfica.

A substituição do sistema analógico pelo digital na captação de imagem e som e mais modernas tecnologias de pós-produção transformaram o filme documentário. A TV a cabo se fortaleceu e surgiu como parceira em co-produções e exibições. João Moreira Salles co-dirige, com Kátia Lund, o filme Notícias de uma Guerra Particular em 1999.

Com um trabalho voltado a séries documentais para TV, Isa Grispum Ferraz realiza, em 2000, uma série de dez episódios sobre o pensamento de Darcy Ribeiro e a formação da nação brasileira em O Povo Brasileiro, 2000, além de outra série de onze programas sobre intelectuais brasileiros, intitulada Intérpretes do Brasil, 2001.

Eduardo Coutinho foi um dos maiores cineastas do país. Em 1962 começou a filmar Cabra Marcado para Morrer, que fazia a reconstituição do assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira em Pernambuco. Mas, com o golpe de 1964 as filmagens foram interrompidas pelos militares e o trabalho só foi retomado em 1980. Em novembro de 2015 Cabra Marcado para Morrer foi eleito pela Associação Brasileira de Críticos de

Cinema (Abraccine) como o melhor documentário de todos os tempos (CINEMATECA BRASILEIRA, 2020).

Em 1999, Coutinho realizou *Santo Forte*, um documentário sobre religiosidade popular, com depoimentos de moradores da favela. Em *Jogo de Cena* (2006), Coutinho retoma o início de sua carreira como diretor de filmes de ficção e volta a trabalhar com atores, mas desta vez em um documentário que se passa integralmente sobre um palco de teatro e conta apenas com a presença de mulheres, que contam a história da vida delas (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2020).

Notícias de uma Guerra Particular, é um documentário de 1999, produzido pelo cineasta João Moreira Salles e pela produtora Kátia Lund. O filme conta a história da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil. Envolvendo um cenário de policiais corruptos, traficante e usuários, todos estão submetidos à uma guerra diária. (BIBLIOTECA DIGITAL ESCOLAS PLURAIS, 2017).

Também em 1999 foi lançado o documentário *Nós* que aqui estamos por vós esperamos, é um longa-metragem dirigido por Marcelo Masagão. O filme é uma antologia audiovisual do século XX, o filme é intercalado com imagens de filmes antigos, fotos, reportagens de televisão, arquivo, de pequenos e grandes personagens que viveram neste século. Ele consegue resumir e definir uma época (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CUTURAL, 2020).

Mais recente, o filme documentário *Democracia em vertigem* (2019), da diretora Petra Costa concorreu ao Oscar em 2020 de melhor documentário. Foi uma obra lançada pela Netflix, que não ganhou o Oscar, mas foi divulgado em todo o mundo. O filme mostra uma visão particular – a da cineasta – sobre o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (PT) (BETIM, 2020).

2. O catador de material reciclável

Os catadores desempenham um papel importante na sociedade, no entanto, de certa forma, são invisíveis aos olhos da sociedade. Eles percorrem as ruas, de sol a sol, em busca de materiais com possível aproveitamento. O que para muitos é visto como lixo, para eles se torna um produto com valor de uso e troca. Eles catam e separam do lixo o material reciclável, numa quantidade suficiente para vender.

O catador de material reciclável é um trabalhador que contribui para a preservação do meio ambiente e, ainda assim, sofre uma intensa discriminação social. O trabalho dos

catadores auxilia no alto índice de reciclagem. O serviço deles é de utilidade pública, já que ao recolher os materiais, diminui o acúmulo de lixo nas ruas.

2.1. O catador de material reciclável – aspectos humanísticos

O catador de material reciclável na maioria das vezes é um trabalhador urbano, que recolhe resíduos sólidos recicláveis pelas ruas das cidades, como papelão, papel, plástico, vidro, metal, alumínio e uma infinidade de objetos descartados pelos moradores.

Segundo SOUZA, SILVA e BARBOSA (2014), o processo de organização dos catadores de material reciclável ocorreu no início da década de 1980. No entanto, somente em 2002 que eles foram reconhecidos como profissionais pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), conseguindo conquistar seus direitos enquanto profissionais.

De acordo com Medeiros e Macedo (2006), estima-se que no Brasil o número de catadores de materiais recicláveis seja de aproximadamente quinhentos mil, sendo que dois terços deles estão no Estado de São Paulo. Segundo os dados da Companhia Municipal de Urbanização de Goiânia – Comurg, em 2004 foram identificados 506 catadores que coletam materiais recicláveis na cidade. Uma prática que se repete em várias cidades do país.

Em algumas cidades, uma parte dos catadores de rua se reuniu em associações e convive com outros catadores que trabalham para depósitos, realizando o mesmo tipo de serviço em um sistema competitivo. Eles se ocupam da cata de materiais em condomínios, residências e em outros estabelecimentos, colocando o material que pode ser vendido como reciclável em um carrinho que vão puxando pelas ruas da cidade (MACIEL *et al*, 2011, p. 73).

Segundo Gonçalves *et al* (2013), os catadores de materiais recicláveis do município de Ipameri, no Estado de Goiás, têm uma realidade semelhante à de outras cidades que contam com cooperativas. Uma pesquisa mostrou o perfil do trabalhador e a realidade de Ipameri. A Cooperativa dos Catadores do Lixão de Ipameri funciona desde novembro de 2007, onde nenhum dos catadores de material reciclável possui qualquer tipo de contrato, registro ou benefício trabalhista. Os catadores não recebem treinamento de forma adequada, e nem um preparo para as condições insalubres da atividade.

As instalações da cooperativa são precárias, constando apenas de uma área coberta para guarda de equipamentos de proteção e armazenamento da água consumida diariamente, trazida por cada um dos catadores. A manutenção do local é representada apenas pela varrição, conforme a necessidade (GONÇALVES *ET AL*, 2013, p. 243).

A situação é precária em algumas cooperativas. O catador conta com barracos pequenos para descanso, sem nenhum conforto. Problemas com falta de higiene, com moscas, baratas, ratos e ainda mau cheiro, por que ficam próximas do lugar onde o lixo é deixado.

Segundo Gonçalves *et al* (2013), a vantagem que muitos veem em participar de uma associação é que eles não têm uma espécie de “patrão”, podem trabalhar quando quiser, não existe horário fixo. Os ganhos nesses depósitos são imediatos, o trabalhador chega ao depósito com o material que foi coletado ao decorrer do dia, separa e pesa. Após a pesagem, recebe o valor correspondente.

O trabalho com o material reciclável expõe o trabalhador a diversos riscos à saúde. Os mais comuns são verminoses, infecção intestinal, diarreia, gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, de dente, febre, alergias, náuseas, problemas de coluna, desidratação, hepatite, conjuntivite, doenças sexualmente transmissíveis, tuberculose e cólera (CASTILHOS JUNIOR *ET AL*, 2013, p. 3116).

A falta de emprego obriga os catadores a viverem situações precárias. O fato de muitos terem um nível baixo de escolaridade dificulta conseguir um emprego melhor. Muitos catadores associam a falta de estudos à condição de sobreviver recolhendo material reciclável. Considerando como vergonha ou humilhação. O preconceito começa pelo próprio catador.

Pesquisas realizadas por Medeiros e Macedo (2006), mostraram que a grande maioria dos catadores teve pouco acesso à escola, alguns não completaram nem a primeira fase do ensino fundamental. Com relação à categoria profissão, os catadores tiveram sua profissão regulamentada em 2002, e sob o número 5192, são registrados na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). O reconhecimento da profissão de catador de material reciclável representou um importante passo na busca pelo reconhecimento dos direitos da categoria. (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

Falta qualificação para o trabalhador se candidatar a uma vaga de emprego no mercado de trabalho. Essa falta de oportunidade muitas das vezes é causada pela ausência de investimentos do governo em educação e capacitação profissional. Devido a esses fatores o desemprego leva à exclusão social.

Para Santos *et al* (2018), a catação de material reciclável tornou-se uma atividade informal, com os catadores vivendo em locais de condições precárias. A maioria dos catadores teve pouco acesso à educação formal, estão desempregados e sem perspectivas de mudanças.

Dialogando com Santos *et al*, Teixeira (2015) considera que os catadores de material reciclável desenvolvem uma atividade que é rejeitada socialmente. O catador não tem acesso à educação formal de qualidade, o que não permite alcançar qualificação profissional nem inserção no mercado de trabalho e consequente acesso a uma renda que auxilie na sua sobrevivência e de sua família.

Magalhães (2013, p. 256) também afirma que há preconceito da sociedade em relação aos catadores. Muitas pessoas os classificam como marginais e ladrões. Alguns chegam a fazer a comparação entre catador e morador de rua. Por diversas vezes recolher material reciclável não é considerado como trabalho. “Assim, paradoxalmente, os catadores, em parte responsáveis pela limpeza das ruas e pela redução do lixo, são considerados “sujos”.

Uma das dificuldades para os catadores em relação a alguns tipos de materiais é a lata de alumínio. A falta de latas nos lixos urbanos fez com que o valor do material aumentasse e se tornando mais disputado, inclusive por pessoas que não sobrevivem da catação de materiais reciclável.

2.2. Aspecto econômico da atividade de catador

A rotina diária de um catador é precária. A grande maioria deles ultrapassa uma carga horária de 12 horas sem descanso, tornando o trabalho exaustivo. As longas distâncias percorridas e o excesso de peso tornam-se um sacrifício para eles. Os catadores puxam um carrinho pelas ruas, com até 200 quilos de material reciclável por dia, o que dá um total de quatro toneladas por mês. Tudo isso desencadeia diversos problemas de saúde.

Segundo Medeiros e Macedo (2006), uma situação precária, muita das vezes não reconhecida. Grande parte dos catadores não consegue receber uma remuneração suficiente. Geralmente os donos de depósitos pagam muito pouco pelos resíduos coletados, não valorizando o trabalho que foi feito ao decorrer do dia. Um catador recebe em torno de 2 a 5 reais por dia, dependendo do material que foi recolhido.

Cabe salientar, todavia, que as carências deste segmento vão além da pobreza material; envolvem uma gama de outras necessidades, entre as quais se destacam a preocupação com sua organização produtiva (como cooperados) e sua condição de sujeitos capazes de desempenhar um papel relevante na sociedade (PEREIRA; GOES, 2016, p. 153).

A maioria dos catadores que sobrevive da reciclagem vive em extrema pobreza. A população e o governo precisam reconhecer os benefícios das coletas seletivas do lixo, isso automaticamente resulta em qualidade de vida para a sociedade. Afinal, o material reciclável que é recolhido, é retirado das ruas, evitando a poluição.

O baixo valor pago aos catadores prejudica no sustento da família, já que o que ele recebe por mês nem sempre é suficiente. Em torno dessa profissão é criado um estereótipo na figura do catador que, por sua vez, torna-se vítima da exclusão social.

O catador é excluído pelo tipo de trabalho que exerce. Um trabalho realizado em condições precárias, inadequadas, sem reconhecimento social. Além de envolver os riscos à saúde, o catador não tem garantias trabalhistas. O desemprego de certa forma provoca a ida da pessoa para a tarefa de catação de materiais. Portanto torna-se única opção para se obter uma renda e garantir a sobrevivência do catador e de seus familiares.

Existem poucos casos no Brasil em que o catador consegue ter uma renda razoável com a catação de materiais recicláveis. Em alguns desses casos, o catador consegue até pagar os estudos dos filhos. A baixa escolaridade atrelada a não formalização do trabalho explica a falta de comprometimento e a acomodação com a situação (TEIXEIRA, 2015, p, 102).

Maria Aparecida Alves de Souza Almeida é catadora de papel e conseguiu que dois filhos estudassem em faculdades públicas de medicina. Mãe separada de quatro filhos, superou as dificuldades com muito trabalho. Ela relata que o que ganhava às vezes não dava nem para o básico, mas sempre teve filhos dedicados. Eles estudavam pela manhã e no período da tarde repassavam o conteúdo (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MEC, 2019).

Um caso que repercutiu na mídia foi da catadora Rosângela Marinho, que levava os livros achados no lixo para que o filho Thompson Vitor pudesse estudar. O adolescente ficou em 1º lugar geral no exame de seleção do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e cursa Multimídia (REDAÇÃO G1, 2015).

Segundo Castilhos Junior (2013), alguns catadores por terem baixa remuneração, não conseguem comprar o próprio veículo para coletar os materiais. Alguns catadores ao longo dos anos conseguem construir seu próprio veículo com dificuldade, mas o ideal é a criação de veículos de baixo custo de aquisição e manutenção. O equipamento de coleta mais utilizado pelos pesquisados foi, em 70% dos casos, carro do tipo gaiola, ou seja, de tração humana.

Muitos dos catadores se sentem desvalorizados com o trabalho que realizam. Esse sentimento está relacionado ao fato de que, embora a coleta de lixo seja considerada uma atividade vital e um único meio de sobrevivência para muitas pessoas, é insuficiente para obter uma melhor qualidade de vida (VIANNA, 2000).

2.3. Preservação do Meio ambiente

O catador quando se propõe a catar e separar os materiais recicláveis contribui para o sistema de reciclagem, construindo um elo, mesmo que essa coleta seja em aterros sanitários, lixões ou em usinas de reciclagem. Com a realização dessas atividades, auxiliam na limpeza das ruas da cidade e colaboram de forma fundamental para a preservação do meio ambiente.

A sociedade não dá tanta importância às coletas seletivas ou aos catadores, mas é de suma importância o trabalho realizado por eles. Vale ressaltar que é preciso que esse material coletado seja descartado em locais adequados. Se forem descartados em local a céu aberto desencadeará problemas como poluição do ar, do solo e principalmente causar doenças às pessoas. Portanto, o descarte inadequado é uma das maiores causas do impacto ambiental no Brasil.

Para Medeiros e Macedo (2006), atualmente a geração e acúmulo de lixo tornou-se um dos problemas ambientais de extrema relevância e gravidade. Dentre as consequências provocadas por geração e acúmulo de lixo têm-se a escassez dos recursos naturais, a degradação ambiental e o esgotamento de espaço físico para o armazenamento dos resíduos produzidos.

Dessa forma, a coleta de material reciclável é importante porque possibilita o reaproveitamento dos materiais descartados e recolhidos pelos catadores. Traz benefícios ambientais, da economia dos recursos naturais, de água e energia. Os catadores exercem um papel importante, pois o trabalho deles é um ponto de partida para o abastecimento das indústrias de reciclagem, com os materiais recolhidos na cidade (TEIXEIRA, 2015).

Visto que a reciclagem traz inúmeros benefícios ao retirar os resíduos da natureza, embora não percebessem esse reconhecimento e valorização pela sociedade. Foi enfatizada a falta de reconhecimento por parte da sociedade não só do tipo de trabalho realizado, mas, também, do valor de mercado atribuído a ele e, talvez, da falta de um salário base para a categoria, bem como da garantia de direitos trabalhistas (TEIXEIRA, 2015, p. 101).

Portanto, por meio da coleta seletiva é possível recuperar matéria-prima que seria retirada da natureza. A separação desses resíduos sólidos diminui a exploração dos

recursos naturais. Também reduz a poluição da água, ar e solo, possibilita a reciclagem desses materiais que iriam para o lixo, gera empregos e diminui o desperdício.

CAPITULO II

MEMORIAL

Antes de mais nada, produzir um filme documentário durante a Pandemia da COVID19 foi um desafio, porque a liberdade de ir e vir foi limitada. Fiquei muito preocupada se conseguiria fazer o filme nessas condições. Durante o processo de feitura do filme, tive todos os cuidados para evitar uma possível contaminação com o Coronavírus.

Desde que entrei no curso de Jornalismo a minha ideia era produzir um TCC que eu me orgulhasse e que fosse algo marcante. No 6º período, a matéria de Produção Laboratorial Audiovisual, me trouxe a experiência de perto do que era um documentário, naquele momento eu tive a certeza do que eu queria produzir, era um filme documentário, que até então não existia tema. Assuntos marcantes e com toda uma história por trás, sempre me atraíram. Foi nesse momento que o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, surgiu: catadores de materiais recicláveis.

As minhas principais fontes eram as pessoas que sempre percorriam as ruas, com seus carrinhos, recolhendo os materiais recicláveis. São pessoas que nós encontramos todos os dias. Assim que eu decidi meu tema, comecei a ver esses catadores com outros olhos, passei a observar bem mais, em qualquer lugar que eu os visse, sempre atenta a eles.

Comecei as gravações, e foi a partir disso que eu senti um pouco da realidade dos catadores. Percorri vários quilômetros debaixo de sol para acompanhar enquanto eles trabalhavam. Percebi que eles não têm um horário certo para se alimentar e muitas das vezes nem ter o que comer. Perceber o mais importante, que independente daquela situação, sempre estavam com um sorriso estampado no rosto.

Utilizei o conteúdo aprendido de quase todas as matérias do curso para a produção do documentário, desde a escrita até as gravações e edições. Mesmo que existam vários catadores de materiais recicláveis andando pelas ruas de Goiânia, foi difícil conseguir fontes, muitos se recusaram a dar entrevista, ou até mesmo contar sua história.

O trabalho de conclusão de curso, deixa o acadêmico, ansioso, apreensivo. Eu me adiantei em todas as partes do meu filme documentário, para que o desespero não surgisse. Mas quando a primeira edição deu problema e foi preciso refazer tudo outra vez, o desespero e angústia aumentaram. Mas eu precisei ter foco e não deixar isso me abalar.

A intenção do meu filme é que as pessoas repensem sobre a forma que veem os catadores, que não os generalizem como se todos eles fossem marginais, ou que trabalham

como catador para manter vícios. Mas que existem catadores que vão em busca do sustento deles e da família todos os dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário tem um engajamento no mundo pela representação. Os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível pelo mundo. A imagem e o áudio registram situações e acontecimentos com fidelidade. É possível ver isso nos documentários de pessoas, lugares e coisas que também são visíveis fora do cinema. Essa característica mostra a verdade, ao ver o que está lá, fornece uma base de crença. Se está diante da câmera, deve ser verdade. (NICHOLS 2008). Por retratar a realidade, o documentário passa verdade e conduzindo quem está assistindo a novas experiências.

Os catadores precisam ter um reconhecimento não só pelas pessoas, mas também pelas autoridades. O preconceito que eles sofrem, ainda é grande. E eles precisam ser vistos com outros olhos. É preciso entender que eles são uma parcela de pessoas excluídas pela sociedade. Existem os catadores porque tem-se a exclusão social.

Este trabalho trouxe muito aprendizado. Entender que os catadores exercem um papel importante, que eles trabalham dessa forma pela falta de aprendizado e por falta de um apoio dos governos. Uma pessoa não se torna um catador de reciclável por que ele quer, e sim pela falta de oportunidade e pela exclusão que ele enfrenta na sociedade.

Considera-se que o objetivo com a produção do filme documentário *O sol de cada dia*, que foi de mostrar a realidade dos catadores, foi alcançado. Que outras iniciativas possam ser tomadas para que esse tema seja mais discutido e mostrado às pessoas. É um tema pouco falado que merece atenção.

REFERÊNCIAS

- AICINEMA. *Neo-realismo italiano*, 2018. Disponível em:< <https://www.aicinema.com.br/neo-realismo-italiano/>>. Acesso em: 12 maio 2020.
- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MEC. *Filhos de catadores de recicláveis superam atribulações e são aprovados em universidades*, 2019. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=73431>>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- BERNARD. *Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- BIBLIOTECA DIGITAL ESCOLAS PLURAIS. Notícias de uma Guerra Particular. 2017. Disponível em:<<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/documentarios/noticias-de-uma-guerra-particular>> Acesso em: 30 maio 2020.
- CINEMATECA BRASILEIRA. “*Cabra Marcado para Morrer*” eleito melhor documentário. 2020. Disponível em:< <http://antigo.cinemateca.org.br/artigo/cabra-marcado-para-morrer-eleito-melhor-document-rio>>. Acesso em: 10 maio 2020.
- DA RIN, Silvio. *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. *Jogo de Cena*. Disponível em:< <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67310/jogo-de-cena> >. Acesso em: 26 maio 2020.
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. *Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos*. disponível em :> <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70116/nos-que-aqui-estamos-por-vos-esperamos> Acesso em: 30 maio 2020.
- BETIM, Felipe. *Democracia em vertigem’ reacende rancores que se arrastam desde 2014*. Jornal El País. 2020. Disponível em :> <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-07/indicacao-ao-oscar-de-democracia-em-vertigem-reacende-rancores-politicos-que-se-arrastam-desde-2014.html> Acesso em: 12 maio 2020.
- GONÇALVES, Cleber Vaz; MALAFAIA, Guilherme; CASTRO, André Luis da Silva; VEIGA, Bruno Gonzaga Agapito da. *A vida no lixo: Um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO*. Revista Holos, V. 2, 2013. Disponível em:< <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/841>>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. *Panorama do documentário no Brasil*. Amazonas: n.01. Centro Universitário do Norte. Dezembro 2006.
- CASTILHOS JUNIOR, Armando Borges de et al. *Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil*. Florianópolis: Ciência & Saúde Coletiva, V. 18, N. 11, 2013.
- LUCENA. Luiz Carlos. *Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo: Summus, 2012.

- MAGALHÃES, Beatriz. *Catadores de materiais recicláveis, consumo e valoração social*. Belo Horizonte: Rev. Cedeplar UFMG, 2014.
- MEDEIROS, Luíza Ferreira Rezende de; MACEDO, Kátia Barbosa. *Catador de material reciclável: Uma profissão para além da sobrevivência?* Goiânia: Psicologia & Sociedade, V. 18, N. 2, 2006.
- MACIEL, Regina Heloísa et al. *Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, V. 63, 2011.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2008.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto; GOES, Fernanda Lira. *Catadores de materiais recicláveis um encontro nacional*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27461>. Acesso em 10 jun. 2020.
- PUCCINI, Sérgio. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção*. Campinas: Unicamp, 2007.
- REDAÇÃO DO G1 DO RIO GRANDE DO NORTE. “Pegava livro no lixo para ele estudar”, diz mãe de 1º lugar geral no IFRN, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2015/02/pegava-livro-no-lixo-para-ele-estudar-diz-mae-de-1-lugar-geral-no-ifrn.html>>. Acesso em: 21 mar. 2020.
- SANT’ANA, Thais. *O que foi a Nouvelle Vague?* 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-nouvelle-vague/>>. Acesso em> 12 maio 2020.
- SANTOS, Claudete dos et al. *Perfil socioeconômico de catadores de materiais recicláveis do município de Três Passos-RS*. Revista Extensão em Foco, nº 15, Jan/ Jul, p.56 –70, 2018.
- SOUZA, Maria Aparecida de; SILVA, Mônica Maria Pereira da; BARBOSA, Maria de Fátima Nóbrega. *Os catadores de materiais recicláveis e sua luta pela inclusão e reconhecimento social no período de 1980 a 2013*. Revista Monografias Ambientais - REMOA v.13, n.5, dez. 2014.
- TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. *Trabalho e perspectivas na percepção dos catadores de materiais recicláveis*. Psicologia & Sociedade, V. 27, N. 1, 2015.
- VIANNA, Nildo. *Catadores de lixo: Renda familiar, consumo e trabalho precoce*. Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás. 2000.
- VIEIRA, Flávia Vilela. *A Evolução do Documentário Brasileiro*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1474-1.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2020

APÊNDICE I – ROTEIRO

Imagens	Áudio
Cena 01- Abertura 00'00" a 00'06" - Nome do filme "O sol de cada dia"	Música instrumental
Cena 02- 00'07" a 00'10" - Cena catador	Música instrumental
Cena 03- 00'10" a 00'16" - Cena catador	Música instrumental
Cena 04- 00'17" a 00'19" -Cena catador Cena 05- 00'20" a 00'21" - Cena catador Cena 06- 00'21" a 00'23" - Cena catador	Música instrumental
Cena 07- Elielson fala 1 00'24" a 00'43"	Tem uns seis anos já, seis anos. Eu trabalhava lá no Garavelo, aí eu discuti com o patrão lá, e não deu certo, aí eu vim pra cá. Eu morava aqui né, aí fui morar no Garavelo. Aí fiquei seis anos lá, trabalhando de reciclagem. Daí vim pra cá, voltei pra cá de novo. Meus filhos e minha ex-mulher, mora tudo aqui nesse setor aqui.
Cena 08- Roberto fala 1 00'43" a 01'02"	Rapaz tem muito tempo, sabe fazer conta, desde 89, hoje eu tenho 42, faz as contas até hoje, tem muito tempo. Eu comecei com 12 anos, aí foi indo, na 24, na Anhanguera, aqui, no Urias, "tô" até hoje.
Cena 09- Antônio fala 1 e 2 01'03" a 01'21"	Estou dentro de oito anos aqui já, oito anos aqui dentro. Rapaz a gente trabalha das oito, eu trabalho das 8 às 16h. Porque eu trabalho a noite sabe, aí eu paro mais cedo. Mas os outros aqui, é de 8 às 17h. Aí dá nove horas por dia né.

<p>Cena 10- Celso fala 1, 2 e 3. 01'22" a 03'03"</p>	<p>Desde criança, eu fiz um exame, não sabia, aí tem um problema no coração, diz que, o Doutor falou que é uma veia, e é uma operação arriscada, e por devido do serviço, que eu trabalho de serviços gerais, não escolho serviço. Chegou ao ponto que, era de um lado, aí passou para o outro lado, agora eu não posso pesado, que se eu for pra frente, eu vou morrer, e se eu ficar eu vou morrer, a mesma coisa. Então é devagarinho, vou indo. Ah eu trabalho de noite, de dia, não tem hora não, é devagarinho, não estou pegando peso. É igual vocês viram aí o meu serviço, é descarregar, levar pra dentro, é um serviço maneiro, que eu dou conta de trabalhar. É igual eu falei pra vocês, a velhice da gente vai chegando, a gente não dá conta, já arranquei feijão, já rocei, trabalhei de muitas coisas, trabalho de serviços gerais, nunca escolhi serviço. Limpo banheiro, capino quintal, o que mandar eu fazer, se chegar e eu der conta de fazer, eu falo, se eu não der conta, eu falo, não eu não dou conta, ai a pessoa vai procurar alguém que dê conta. Eu faço ensacar, aqui é uma equipe, tem os que junta no carrinho que é igual eu trabalhava na rua. Aí tem eu que coloco dentro, igual vocês veem, ensacado.</p>
<p>Cena 11- Catadores 03'04" a 03'07"</p>	<p>Som ambiente</p>

<p>Cena 12- Neide fala 1 e 2. 03'08" a 05'28"</p>	<p>Eu acho que ele é muito importante, só que o salário dele deveria ser maior, mas se for maior, a indústria não vai comprar, essa é a realidade.</p> <p>Injusto é, nós sabemos que, na cadeia produtiva de toda reciclagem, nós temos assim ó. O catador que recolhe, que vende lá no depósito, que o depósito vende para um depósito maior, e que esse depósito maior vende para a indústria, viu o tanto que ele circulou, é lógico que poderia ser da indústria direto, só que a indústria ela não vai ter isso. Porque que ela não vai ter direto, porque ela vai ter um custo, a indústria vai ter que ter tudo formalmente. Esses depósitos, a maioria deles, eles são informais né, são informais, nós não temos uma legislação certinha para a reciclagem aqui no Brasil, infelizmente ainda temos esse problema. Então quer dizer, se ela fosse legalizar tudo, e a indústria viesse, e nós não tivéssemos aí, os depósitos, e um depósito maior que compra dos depósitos menor, poderia ser que o catador ia ter uma renda maior, uma renda. Mas, é, eu acredito que a indústria não vai fazer isso. E infelizmente o nossos, é os nossos catadores vão ainda manter ainda essa renda ainda baixa. Mas, e se eles não tivessem essa renda, do que eles iam viver, imagina. O número que nós temos de desempregados no país, sem renda, alguns catadores se você conversar com eles, alguns não tem nem documentação, alguns trabalham para manter o vício, outros não, outros já trabalham pra manter a família. Então nós temos esse grande, esse grande dilema. E infelizmente nós não temos como resolver de imediato.</p> <p>Os preços melhores são esses aí do alumínio e do cobre. O papelão já tem um preço baixo, apesar que hoje está bom o papelão. O papelão está com um preço excelente dos últimos anos e a garrafa pet.</p>
---	---

<p>Cena 13 Antônio fala 3, 4 e 5. 05'29" a 06'29"</p>	<p>É por mês, nós recebemos o vale no dia 15, aí no final do mês a gente recebe o restante do pagamento.</p> <p>Realmente não dá, é pouco porque, minha despesa é muito alta, eu moro de aluguel, só que eu faço outros tipos de trabalho que eu vou... Já ouviu falar na feira da Marreta? Eu recolho umas coisinhas, aí eu compro, aí eu vendo na feira da Marreta no final de semana, dia de domingo. Pra poder aumentar mais sabe. Mas se fosse só o daqui, não dava.</p> <p>É dividido ao meio sabe, agora depende, um ganha mais pouco, um ganha mais porque um tem muita falta e quem falta não é você falhar e eu trabalhar mais que você e você ganhar o meu tanto. Tem a diferença né, das faltas, de quem trabalha mais aí. Mas é tudo dividido um tanto só, não tem o negócio de um ganhou mil e o outro ganhou novecentos, só se o outro tiver algum problema e não trabalhou, mas se ele veio direitinho é o mesmo tanto, entendeu?</p>
<p>Cena 14- Elielson fala 2 06'30" a 06'51"</p>	<p>De ajudar muito não, muitão não né, mas dá pra viver né. Porque com o que a gente ganha a gente dá pra sobreviver aí né. Pagar um aluguel, uma energia, água. Dá pra ajudar os filhos também, que eu sou separado né, eu tenho três filhos pra poder</p>

	ajudar ainda né, ainda tem um de menor ainda né, mas...
Cena 15- Roberto fala 2, 3 e 4. 06'52" a 07'31"	<p>É 150, 170, ainda tem que pagar o aluguel ainda que é 70 reais toda semana, aí pra você ver, no mês, dá o que, dá 280,00 né, mas ainda dá pra comer, o que sobrar já...</p> <p>O que eu dou pra minha mãe é assim, é latinha, é cobre, as vezes eu ganho uma roupa, um trem eu dou pra ela, cesta. Pode ir lá no deposito confirmar, só eu que ajudo ela, tenho quatro irmãos, mas pode ver que é tudo sem rumo, faz nada.</p> <p>Por exemplo se eu tirar, por semana eu tiro 180,00, 160,00. Aí eu dou a metade pra minha mãe. Porque mãe é mãe, sagrado. Aí dou a metade pra ela, o que ficar pra mim eu gasto 20,00 e ponho o resto no banco. Vou devagarzinho eu vou... não é assim, de grão em grão a galinha enche o papo. Aí eu vou guardando.</p>
Cena 16- Neide fala 3,4 e 5 07'32" a 09'00"	<p>Não, não é o suficiente, infelizmente nós temos a reciclagem hoje, porque nós temos uma exclusão social, se a gente não tivesse uma exclusão social, nós não teríamos hoje a reciclagem, porque o custo para a indústria seria muito alto, e nós não teríamos ai esse material que a indústria só compra se tiver um custo bem menor, do que as matéria primas lá que ela utiliza né pra poder fazer o seu produto. Agora o salário que deveria ser justo né, ser justo não seria esse infelizmente.</p> <p>Imaginam vocês, se a gente não tivesse os catadores hoje, se eles não tivessem essa reciclagem, para eles poder ter uma renda no final do dia. Eu conheço catadores que eles vivem dessa renda ai e eles tiram é, uma renda até razoável durante a semana que dá pra eles sobreviver, ele e sua família, sobreviver, não vou falar que supre igual você trouxe aqui que seria necessário.</p> <p>Quem ganha na cadeia produtiva? E eu vou falar pra você com todas as letras, é a</p>

	<p>industrial final. Ela que ganha, e outra coisa, e ela só vai comprar se ela tiver um custo menor nessa matéria prima, se ela não tiver, ela não vai comprar, ela vai comprar a matéria prima nova. Essa é a realidade.</p>
<p>Cena 17- 09'01" a 09'04"</p>	<p>Som ambiente</p>
<p>Cena 18- Silvio fala 1 09'05" a 09'29"</p>	<p>Não só o papel comercial, mas o papel do trabalho do combate à poluição. Porque esses reciclados por exemplo se não for recolhido, isso vai na água, no lixo, na enxurrada, vai pro mar, não sei se vocês já chegaram a ver, tem ilhas, ilhas de reciclados circulando no pacífico, e tá aumentando cada vez mais né.</p>
<p>Cena 20- Roberto fala 5 09'30" 09'54"</p>	<p>Só que tem gente que as vezes por exemplo, o homem está tomando o suco e joga aqui, aí cai na boca de esgoto e vira né, e tampa tudo. As vezes se eu estiver tomando assim por exemplo, estou fumando aqui, aí pega um papelzinho assim, vou jogando a brasa assim, depois joga aqui dentro. Tem gente que joga, olha lá pra você ver, que porcaria ó, mas é assim mesmo.</p>
<p>Cena 21- Elielson fala 3 09'55" a 10'21"</p>	<p>Algumas partes é né, porque ajuda a limpar mais um pouco a cidade né, porque tem muita coisa que a gente acha que não se dá pra vender e que não dá pra ganhar alguma coisa, mas dá, entendeu? Fora lixo né, que lixo é orgânico e a gente não pode pegar, isso daí é pré-requisito da prefeitura entendeu. Mas o que dá pra gente pegar, pra juntar, dá pra sobreviver.</p>

<p>Cena 22- Neide fala 6 10'22" a 10'45"</p>	<p>E se ficasse sem os catadores né, nós íamos ai aumentar o problema ambiental nosso do lixo, vejam que o nosso lixão aqui de Goiânia né, nós já estamos em uma capacidade já extrema já da capacidade máxima dele, nós temos poucos anos, nós temos que fazer alguma coisa né, se não daqui uns dias lá não suporta mais.</p>
<p>Cena 23- Silvio fala 2 10'46" a 11'09"</p>	<p>Tendo em conta que desempenha uma atividade extremamente importante no combate à poluição né, porque vivemos em uma sociedade dominada pelo plástico, então eles estão retirando uma pequena parte desse plástico que está poluindo a natureza. Então é uma atividade social de grande importância que deveria ter o apoio do poder público.</p>
<p>Cena 24- Depósito de materiais 11'10" a 11'14"</p>	<p>Som ambiente</p>
<p>Cena 25- Silvio fala 3 11'15" a 12'03"</p>	<p>Olha é difícil dizer que são proletários, porque proletários na acepção correta do termo do conceito são os assalariados em geral, eu diria que não são proletários porem são setores de trabalhadores extremamente explorados né, que vivem em péssimas condições de vida, em situação de trabalho insalubre e que vende aquilo que consegue coletar. Portanto ele não é um assalariado, ele vive do seu trabalho. Porém é um trabalho extremamente explorado, inclusive bem mais explorado, é uma exploração muito mais profunda do que é o chamado proletário, que em geral tem carteira assinada, tem condições de trabalho que esse catador não tem.</p>
<p>Cena 26- Silvio fala 4 Imagens de catadores 12'04" a 12'19"</p>	<p>Então isso depende muito do poder público, porque infelizmente os catadores, nas suas condições péssimas de trabalho e de sobrevivência, não tem condições de buscar por si só essa especialização e aquisição dos equipamentos necessários.</p>

<p>Cena 27- Depósito de materiais 12'20" a 12'23"</p>	<p>Som ambiente</p>
<p>Cena 28- Roberto fala 6 12'24" a 12'49"</p>	<p>Rapaz pra ter oportunidade, vamos supor que trabalha em um serviço fichado, tem que ter documento tudinho e eu não tenho. Eu sei mexer com qualquer coisa que você pensar, mas tem que ter documento e eu não tenho. Tem que ter feito pelo menos o 2º ano, 1º ano, e eu só fiz só até a 2ª. É... o trem não é fácil não, é difícil.</p>
<p>Cena 29- Neide fala 7 12'50" a 13'51"</p>	<p>Aí nós dependemos do setor público, de políticas públicas, aí é o governo, o governo Municipal e Estadual junto, em parceria, tem aí que fazer uma política pública para qualificar primeiramente tem que qualificar desde ó, documentação, qualificação profissional, e colocar esse pessoal aí em outro trabalho. Do contrário, porque eles já estão excluídos da sociedade, eles já estão excluídos. A maioria de torna catador porque, perde o emprego, acontece uma tragédia na família né, aí o que resta, quem não vai cobrar documentação nenhuma, nem ficha limpa, nem nada deles, somente os depósitos aí pra sair catando sucata. E uma forma deles sobreviverem. Essa é a realidade deles né, não tem como a gente fugir.</p>

<p>Cena 30- Silvio fala 5 13'52" a 15'16"</p>	<p>Sendo realista, é um futuro muito pouco promissor, diria que é um futuro catastrófico né, tendo em vista os últimos momentos que nós vivemos no país, os últimos anos né, onde há um processo de super neoliberalismo, a onde está deixando os trabalhadores a sua sorte. Então estes, serão aqueles que vão ser mais agredidos por essa onda super neoliberal que está batendo sobre o país. Porem só há um caminho, só há um caminho, não há outro. É buscar se organizar, buscar se mobilizar, para pressionar o poder público a cumprir o seu papel, que é uma responsabilidade do poder público, seja dos municípios, dos estados e nacional, de dar assistência, para que esses catadores possam desempenhar o seu papel profissional e possa contribuir com o trabalho de combate à poluição.</p> <p>Essa atividade de catadores, tem que estar inserida, nesse processo mais geral de combate à poluição que afeta, afeta em geral todos nós. E o poder público que seria o gerenciador disso não pode ficar a parte, se ficar a parte ele está cometendo um crime, um crime contra os catadores, um crime contra a população e um crime contra a natureza.</p>
<p>Cena 31 – catadores 15'17" a 15'21"</p>	<p>Som ambiente</p>
<p>Cena 32- Elielson fala 4 15'22" a 15'46"</p> <p>Cena 33- Antônio fala 6</p>	<p>O pessoal pensa que a gente é morador de rua né, pensa que é fumador de droga, esses trem. Acha que a gente pega isso daqui para trabalhar, acha que vai é roubar, não sei o que, vários outros requisitos. Assim eles não falam mais, só em olhar a gente já sabe que né, é uma forma deles olhar pra gente dessa forma, entendeu.</p> <p>Diz que nós trabalhamos no lixo, que tem nojo, não sei o que. Mas vocês estão</p>

15'47" a 15'57"	enganados, que o nosso serviço é lixo, mas nós se zela, e não tem, entendeu?
Cena 34- Roberto fala 7 15'58" a 16'09"	Esses dias me chamaram de preto, é de neguinho, de macaco, eu nem tchum. A vontade que tem sabe é partir pra cima, mas Deus é maior, Deus está no poder. Eu não ligo não, vou embora.
Cena 35- Celso fala 4 16'10" a 16'26"	Em todo serviço a gente tem o preconceito né, o preconceito sempre vai existir. Mas a gente passa por cima disso. O importante é que pessoas vão enxergando. Às vezes o que pensa o errado, ele passa a pensar o certo.
Cena 36- depósitos 16'27" a 16'32"	Som ambiente
Cena 37- Elielson fala 5 16'33 a 16'47"	Não é bem uma profissão não, mas, é uma forma da gente ganhar um dinheirinho. A gente não é assim totalmente feliz né, mas a gente estando trabalhando tá bom demais né. Dá pra gente ter mais alegria na vida né.
Cena 38- Roberto fala 8 16'48" a 17'02"	Não meu sonho mesmo é a saúde, tendo minha família, Deus e primeiramente em primeiro lugar, o resto, o resto é resto né não?! Graças a Deus, tendo saúde... Tendo saúde e a gente tendo a mãe da gente, a família.
Cena 39- Antônio fala 7 17'03" a 17'33"	Pra falar a verdade, eu vim realizar meu sonho aqui. Quando eu cheguei em Goiana eu trabalhava de construção civil, não dava. Aqui é onde eu vim ter minhas coisas, que eu tinha vontade, aqui dentro que eu tenho minhas coisas. Tenho o meu carrinho de trabalhar entendeu, não é novo não, é velhinho, velhinho, mas tem. Trabalhar em construção civil eu nunca que ia poder comprar porque é muito pouco, ainda é mais pouco que aqui. Que tem os descontos, se não, não dá nem o de pagar o

	aluguel. Aqui a gente ganha mais do que em certas empresas aí.
Cena 40- imagens dos catadores 17'34" a 17'38"	Som ambiente
Cena 41- Neide fala 8 17'39" a 19'20"	<p>Faz uma pesquisa e pergunta, quem que separa seu lixo, nós vamos ter poucos que separam, poucas famílias.</p> <p>Sabe como a gente vai mudar a renda deles também? A conscientização da sociedade, porque eu acho, que nós temos estudos, nós temos estudos, que nós, que a população é uma pequena parcela que separa seu lixo. Se a gente tiver uma conscientização dessa separação, como se diz aí, eles vão ter mais o que, eles vão ter mais é, matéria prima, papelão, pet, porque a nossa sociedade do consumo hoje, cada dia, são embalagens, mesmo que nós temos aí. A Europa que tem uma defesa muito grande com as embalagens não é verdade?! Para reduzir, mas aqui no Brasil a gente, nós ainda não temos. Mas lá fora, na Europa, temos. Mas aqui não. Então se a gente tiver essa mudança aí da sociedade, a sociedade vai separar seu lixinho, e eles vão ter aí uma quantidade maior de materiais, e vão vender no dia e vão ter uma renda maior. É uma outra solução, mas aí temos que mexer aí com a conscientização da sociedade.</p> <p>Pensa, passa a pensar, na hora que você ver seu lixo na sua casa, você fala assim, olha isso aqui é uma renda, uma renda para alguém, alguém que você não conhece, mas você sabe. Para uns você sabe que vai manter o vício, também você não tem como evitar. Mas tem uns que é o alimento da família, é o alimento.</p>
Cena 42- Silvio fala 6 19'21" a 19'33"	A esperança não pode morrer, a disposição da construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igualitária não pode morrer e não vai morrer. Essa é a história da nossa espécie.

Cena 43- Celso fala 5 19'34" a 19'41"	É difícil de explicar isso, mas sempre há uma mão amiga. E é assim.
Cena 44- Créditos finais e música de encerramento. 19'42" a 20'18"	Música mais créditos finais.

APÊNDICE II**AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO**

A aluna Tatiele Mendes Vaz, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2020, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.